



AVANTE!

PROLETARIOS!
DE TODOS OS
PAÍSES: UN-VOS!

Ano 1 — Número 6
Preço 50 centavos

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA (S.P. DA I.C.)

8 de Julho de 1931
PORTUGAL

BOLCHEVISMO E TERRORISMO

O 1.º de Maio de 1931 demonstrou, de facto, que os bolchevismos aproveitaram as lições de 25 de Fevereiro e agiram em conformidade.

A nossa organização de auto-defeza a «União Proletária» teve, o seu baptismo de fogo e bateu-se heroicamente com a força pública em defesa das manifestações operárias, nas suas organizações. A sua acção permitiu deter a força pública enquanto os operários manifestantes retiravam. A solução da força armada do capitalismo teve uma resposta condigna.

Naturalmente que a acção desenvolvida teve deficiências, que a auto-actuação leninista de todas as nossas organizações (p. 1) a não e procurará eliminar. Mas foi decisiva e pôs à prova a capacidade de luta das nossas brigadas de choque.

O bolchevismo, mentalidade superior de todo o nosso movimento, forçados, porém, a não nos desviarmos com o êxito alcançado e estar em guarda contra os desvios que esta acção violenta de rua traz consigo sempre atrás de si.

A complexidade da acção a desenvolver, a extrema mobilidade do adversário e o correr vertiginoso dos acontecimentos, aliados à pouca cristalização bolchevista da I.C. em Portugal, à percentagem relativamente grande de elementos não proletários ou não proletarizados, provocam uma série constante de desvios quer à direita, quer à esquerda, contra o que devemos estar precavidos, conduzindo uma guerra insustentável contra eles, matando-os e expulsando as nossas fileiras dos elementos que os provocam e persistem neles.

Quanto mais aguda, mais difícil é a situação, tanto mais estes desvios se manifestam, tanto mais graves são as suas consequências para o nosso movimento de classe, e tanto mais inevitável deve ser a nossa luta contra eles. Qualquer hesitação, em tais momentos, nos pode ser fatal. Qualquer camarada, qualquer grupo, qualquer organização que se deixem arrastar nesses desvios, devem imediatamente ser colocados perante este dilema: Ou reconhecem francamente, sinceramente, sem ilusões que erraram, o confessam lealmente e rectificam a sua posição, ou devem ser lançados pela borda, como elementos estranhos à nossa ideologia, à nossa mentalidade, que não têm nada que ver com o nosso Partido.

Sómos um Partido de qualidade, sobretudo. A quantidade é para nós uma questão secundária.

Concretisemos, porém. A intervenção parlamentar, por exemplo, roça o reformismo. A intervenção de rua roça o terrorismo. A intervenção parlamentar provoca ou deve provocar, portanto, uma tensão geral de todas as nossas forças contra o desvio reformista, como a acção de rua a provoca ou deve provocar contra o desvio terrorista.

Em qualquer dos casos se impõe um controle rigoroso sobre todos os nossos camaradas que participam dessa acção uma disciplina severa, uma obediência absoluta à política geral do Partido.

O fim principal deste artigo consiste em assinalar a todas as nossas organizações os perigos do desvio terrorista que a acção de rua pode provocar, dado que não estamos no caso de desvios da acção parlamentar, que presentemente se não desenvolve, e que apenas são aqui apresentados para melhor definir a nossa

posição de Partido de classe.

O bolchevismo e o terrorismo são duas coisas diametralmente opostas. Todo o camarada que se deixar levar pelo terrorismo coloca-se por si mesmo fora e contra o bolchevismo.

Ninguém combateu mais implacavelmente o terrorismo do que Lênine.

O terrorismo é a acção isolada de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos, o atentado individual, a vingança contra indivíduos isolados, a bomba na soleira de uma porta, o tiro à volta de uma esquina. O terrorismo gera heróis ou mártires mas não gera militantes operários conscientes, condutores de massas. O terrorismo não tem relação alguma com o espírito de luta das massas, castra-as mesmo para uma luta saudável, pois habituá-as não a confiar no seu próprio esforço e no da sua organização, mas num herói, num messias que a deve vir salvar com seu sacrifício. Entre o estado de espírito que o terrorismo espalha nas massas e o fatalismo religioso que leva um povo inteiro a sofrer sem revolta os piores vexames, à espera da chegada do messias salvador, não há a mais ligeira diferença. O terrorismo é a exasperação, a desorientação, a impotência, é como afirmava Lênine, «a falta de fé e confiança na insurreição e nas condições para ela», e descreve no inextinguível manancial de energias da classe operária, como classe revolucionária, como única e capaz de guiar praticamente as massas exploradas para a sua libertação e de levar a sua revolução até ao fim.

O bolchevismo pelo contrário, é a acção de classe, contra classe, é a luta violenta de classes, quer na oficina, quer na caserna, quer na rua. O bolchevismo e toda a sua acção, está em estreita relação com o espírito de luta das massas, fomenta essa mesma luta, habituá-as a confiar unicamente na sua solidariedade, na sua organização compacta para o combate, arranca-lhes toda a esperança em messias ou heróis que a virão salvar, para lhe desenvolver a confiança salutar no seu esforço próprio.

O bolchevismo é a serenidade, a orientação, a paciência; é a fé e a confiança na insurreição e nas condições para ela; é a tática e a estratégia militares aplicadas à guerra civil; é a confiança nas energias revolucionárias da classe operária como classe revolucionária da vanguarda.

O bolchevismo não deseja liquidar burgueses; vai mais longe, desce mais fundo; pretende liquidar a burguesia, como classe.

Não há portanto o mais ligeiro ponto de contacto entre bolchevismo e terrorismo. E no entanto a luta violenta da rua pode degenerar em terrorismo. Porque?

Pela identidade das armas. Nas lutas de rua empregam-se pistolas, espingardas, bombas. O terrorismo também as emprega; daí a confusão e o perigo do desvio apontado.

Para bastantes camaradas a bomba é, por exemplo, uma arma essencialmente terrorista. Quem emprega a bomba é terrorista. Isto é um erro. Não é a espécie de arma em si que nos permite classificar a acção, mas o sentido do seu emprego.

Um indivíduo ou grupo de indivíduos munidos de pistolas que ataca um burguês a uma esquina e o liquida, não utilizou a bomba mas fez terrorismo.

Um grupo de choque fadela uma manifestação operária e



AVANTE!

faz frente à força pública para defender a manifestação, empregando a bomba, que obedece a um plano estratégico de conjunto; que entra em luta precisamente quando lhe é determinado pelos órgãos de direcção responsáveis, não faz terrorismo.

A tática depende do nível da técnica, escrevia Lênine em 1906. . . Porque a técnica militar se aperfeiçoou nos últimos tempos. A guerra com o Japão fez aparecer as granadas de mão. . . Operar a multidão à artilharia e metralhadoras e defender as barricadas a tiros de revólver seria hoje um estúpido. . . Podemos e devemos tirar proveito do progresso técnico, ensinar, aos destacamentos operários, o fabrico de bombas em grande escala, ajudando assim como as nossas equipas de combate a munir-se de explosivos e armas modernas.

O que se fez, portanto, no 1.º de Maio deste ano não foi terrorismo, mas não é demais que ponhamos todos os nossos camaradas em guarda contra a degenerescência terrorista da luta violenta, que entre nós, onde o terrorismo anarquista se exerceu já em larga escala, se torna eminentemente ameaçador.

Crêmos que deixamos aqui elementos suficientes para que a nenhum camarada restem dúvidas sobre o perigo terrorista e sobre a maneira de separar implacavelmente e seguramente a linha bolchevista do Partido, do terrorismo, prejudicial e contra-revolucionário.

É possível que esse perigo se não venha a manifestar, mas a cautela caldos de galinha nunca fizeram mal a ninguém.

MARTE

NOTA DA REDACÇÃO — Este artigo foi submetido ao Secretariado político do Partido e por ele unanimemente aprovado, em sua reunião ordinária de 4 de Maio. A saída irregular do nosso jornal, motivada pela repressão que vimos sofrendo, nos forçou a deixar de o tornar conhecido, de todos os camaradas, mais cedo. Os últimos atentados terroristas vem dar-lhe uma importância excepcional.

Todos os nossos militantes; todos os proletários conscientes devem lê-lo com atenção e gravá-lo na memória.

O QUE É A «LIBERDADE DE TRABALHO»?

A burguesia e os seus lacaios, os social-democratas, quando se trata de esmagar os movimentos reivindicadores dos trabalhadores, arranjam um «chavão», já muito batido, que consiste no seguinte: manter a «liberdade de trabalho». — Os trabalhadores têm «direito» a fazer greve, mas não têm o direito a impedir que outros trabalhadores usem do «direito de trabalhar», dizem os apóstolos da democracia. . . burguesa. Logo, a «força pública interveio contra os grévistas quando estes pretendem coartar, aos outros trabalhadores, o direito de trabalhar».

Éis a teoria. Na prática sabemos em que consiste tudo isto. A chamada «liberdade de trabalho», como a «livre concorrência», como um certo número de palavras semelhantes, não são na realidade senão o direito dos patrões «livremente» nos explorarem.

Saboriemos por exemplo estes dois telegramas de *O Seculo* de 10 do corrente, e que se referem a dois países onde domina a democracia. . . burguesa.

DE HESPAÑA:

«Barcelona, 9 — Esta manhã, numa fábrica de preparação de marfim, deu-se uma colisão entre operários pertencentes ao sindicato único e filiados na União Geral dos trabalhadores, trocando-se tiros e ficando 11 feridos, 5 dos quais gravemente.

Este incidente teve a seguinte origem: Em consequência do despedimento de um dos seus camaradas, os empregados da referida fábrica posaram-se em greve. O trabalho devia recomençar hoje, tendo sido contratados 40 operários da União Geral dos Trabalhadores e 20 do Sindicato Único. A hora da abertura, os grupos que se encontravam à entrada, convidaram os camaradas a não retomar o trabalho, seguindo-se discussão e troca de tiro

O governador declarou-se decidido a acabar com os atentados à «liberdade de trabalho» e disposto a agir energicamente contra os autores da agressão.»

DA NORUEGA:

«Oslo, 9 — Esta tarde produziram-se sérias desordens, perto de Porto Grund. Uns mil manifestantes, quasi todos comunistas, tentaram penetrar no caes, à força, para começarem a trabalhar, apesar do «lock-out» que dura já ha dois meses. Uma força de 120 agentes da policia defendeu o acesso ao caes, carregando sobre a multidão e utilizando agulhetas de bombeiro. Os manifestantes conseguiram fazer-lhe recuar, à pedrada detiorando as mangueiras.

Os agentes formaram de novo, repellido os manifestantes. Ficaram feridos alguns policiaes, três dos quais deram entrada no hospital.»

Se alguém duvida, leia *O Seculo* de 10 do corrente e lá encontra estes dois telegramas.

Eles dão-nos uma ideia clara, sem necessidade de largos comentários, do que é realmente a tal «liberdade de trabalho».

No primeiro caso os operários que «pretendem trabalhar» para «furar» uma «greve operária» são «protegidos» pela força pública. No segundo caso, os operários que «pretendem trabalhar» para «furar» uma «greve patronal» são atacados pela força pública.

Ha lá coisa mais clara?

É possível que, inteligentemente, algum trabalhador creia ainda na mentira da «democracia pura» que nos pretende impingir a social-democracia?

Não demonstra isto claramente a justeza da linha de classe do nosso partido, do Partido Comunista?

Camarada!

Contra a ditadura militar fascista, mas contra a democracia burguesa também!

Contra a burguesia agrária e feudal, mas contra os industriais democráticos e contra os social-democratas, seus fiéis serventuários!

Pela luta independente do proletariado apoiada pelas massas exploradas do campo, contra a ditadura de classe da burguesia, quer sob a forma «violenta» do fascismo, quer sob a forma «pacífica» da democracia!

Contra a ditadura da burguesia!

Pela ditadura do proletariado!

A filosofia dos anarquistas não é senão a filosofia burguesa voltada ao contrário. As suas teorias, o seu ideal, individualistas são precisamente o antípoda do socialismo. As suas concepções refletem, não o «futuro» do regimen burguês, impellido por uma força inexorável para a coletivização do trabalho, mas o seu «presente» e até o seu «passado»; a dominação do «caso cego» sobre o pequeno productur isolado, solitário. A sua tática, que se reduz à negação da luta politica, divide os proletários e faz, na realidade, dêles, instrumentos passivos de tal ou qual politica burguesa, pois coloca-se à margem de toda a politica é, para os operários, impossível e irrealizável.

LÉNINE

(*Novais Fins* (A vida Nova) n.º 21 de 25 de Novembro de 1905.)



Página internacional

Na América do Sul

A caminho da revolução proletária

A sublevação militar do forte de S. Catarina, no Perú, dá-nos uma ideia nítida do carácter elevado e revolucionário que vai tomando a luta de classes, naquela paiz como em toda a América latina.

Não são já os golpes de Estado dos generais ao serviço de imperialismos adversos. É a luta de massas dos soldados, apoiados pela classe operária, contra os seus oficiais, contra a burguesia em geral e contra todo o imperialismo.

Em 23 de Março p. p. às 7,30 da noite todos os soldados do regimento de infantaria 5, aquartelados no forte da Trindade, sob o comando do sargento *Victor Huapaya Chacan*, homem saído diretamente do proletariado, prenderam toda a oficialidade e, depois de deixarem uma guarnição para a defesa do forte, saíram para a rua, percorrendo a cidade aos gritos de abaixo o governo! abaixo a burguesia! viva o proletariado! Falta-lhes, porém, um objectivo concreto. Careciam de direcção política. Uma parte d'elles tentou assaltar o ministério da guerra, de onde foram repellidos pela guarda republicana. Outros occuparam as torres da «Basílica Metropolitana» e das igrejas da «Merced» e «Santo Domingo».

Outros de-factum avançam contra o palácio do governo com um tanque blindado. Os oficiais defenderam-se fazendo fogo das janelas. Em compensação bastantes soldados de guarda, também pertencentes ao 5.º de infantaria, negaram-se a fazer fogo contra os seus camaradas. A situação do palácio torna-se extremamente crítica. Mas chegaram forças do governo e os sublevados foram repellidos.

Os operários saíram à rua. Pedem armas para lutar. Indo dos soldados sublevados. Não lhes fornecem.

Os soldados recolheram ao forte onde se entrincheiram.

O forte é cercado e a luta torna-se violenta durante toda a noite.

De manhã são forçados a render-se perante a superioridade esmagadora das forças atacantes. São desarmados e presos. Estava «líquida» a revolta.

Eis o relato sintético dos acontecimentos.

Nós dissemos, porém, que esta sublevação dava uma ideia nítida do «carácter elevado», «revolucionário», «de classes», deste movimento.

Em que consiste ela? Perguntarão os camaradas, que à primeira vista não vêem nela senão um motim.

Em primeiro lugar consiste em que as reclamações formuladas pelos sublevados são nitidamente de classe e proletárias. Elas consistem, por exemplo, segundo os jornais *El Comercio* e *El Perú* na separação do serviço de todos os altos chefes do exército, construção de quartéis higiênicos, descontos aos soldados em todas as casas comerciais e transportes, pagamento regular dos «prós», melhoramento dos fardamentos, melhoramento do rancho e do tratamento dos soldados em geral, supressão do monopólio dos *fajeros* e dos transportes e várias reclamações de vida do proletariado do Perú.

Em segundo lugar em que os soldados sublevados tentaram entregar a direcção da sublevação ao Partido Comunista do Perú. Um sargento ferido, que se refugiou na sede da Confederação Geral do Trabalho do Perú informou os camaradas do Partido de que tinham enviado uma carta ao Partido Comunista solicitando-lhe que se posses- se à cabeça do movimento. Essa carta, porém, foi momentos antes da sublevação entregue a um tal Rojas que afinal estava ao serviço da policia de Sanchez Cerro (Presidente da República). É claro que a resposta do Partido não chegou, mas era já impossível sustentar o movimento. Desilagrado este, apresentaram-se no quartel uns 80 civis, que sendo tomados como comunistas, pelos soldados, foram armados. Assim que

se apanharam armados romperam aos vivas a Sanchez Cerro; eram agentes seus em poder de quem tinha caído a carta. Foram rapidamente desarmados, mas isto bastou para que a desconfiança se espalhasse e fossem negadas armas aos proletários que depois se apresentaram.

Carecendo de uma direcção política e receando armar os civis, os soldados sublevados foram facilmente esmagados, mas esta sublevação não deixa por isso de constituir um índice seguro da frente única entre o proletariado e os soldados e uma fonte de ensinamentos de onde os operários, camponeses e soldados do Perú tirarão ensinamentos para novas e mais decisivas lutas.

Entretanto o Partido Comunista apanhado de surpresa pelo movimento, reagiu rapidamente e uma intensa campanha foi realizada pelos trabalhadores, sob a sua direcção, no sentido de impedir que os sublevados, já em poder do governo, fossem fuzilados. Um apelo vibrante foi dirigido aos operários e camponeses do Perú.

O levantamento de S. Catarina mostra em primeiro lugar — afirma o apelo — que tudo será condenado ao fracasso, se os soldados querem vencer sem um objectivo seguro, não têm um programa concreto de luta, se não realizam um trabalho cada vez maior de aproximação com os trabalhadores. Os trabalhadores podem deduzir d'este levantamento que têm nos soldados, um apoio formidável e que devem ligar-se estreita e organicamente com eles. Mas para esta aliança é preciso um programa comum, que faltou em absoluto que faltou segunda-feira aos sublevados e que não pode ser outro senão o que defende o Partido Comunista.

Os soldados sublevados vão ser fuzilados. Ao general Martinez e aos sublevados de Callan, nada se lhes pediu pelo sangue derramado, porque pertencem à casta dos nossos opressores, mas a estes, porque são gente do povo, vai pretender-se assassina-los.

Guante de seda para Leguista enriquecido, que luta ao serviço dos imperialistas, mas pena de morte para o filho do povo que se subleva!

A Beytia, chefe sublevado em Arequipa, fez-se porfeto, mas os soldados do 5.º vão ser fuzilados em troca!

É preciso impedi-lo! Enviemos protestos ao governo, firmados por milhares de trabalhadores!

Preparemo-nos para impedir suas execuções, fazendo ouvir o nosso protesto! Os soldados de S. Catarina são operários como nós! São nossos irmãos! Salvemos as suas vidas!

A campanha deu os seus resultados. Debaixo da pressão crescente das massas, os homens do governo começaram a justificar-se por meio dos jornais. Buscaram-se saídas legais para evitar a pena de morte.

O Conselho de Guerra Especial acaba de proferir as seguintes sentenças contra os sublevados:

Sargento Huapaya, 25 anos de prisão.

Cabo Jorge Zegarra, idem.

Para vários soldados, penas de 15, 10, 7, 5 e 1 anos de prisão, num total de 194 anos de prisão.

O processo terminou; os condenados cumprem as penas e no entanto de várias outras unidades tem sido deportados, mais de 400 soldados o que demonstra que a radicalização na caserna é um facto e não está circunscrita a uma unidade; que ela cresce e ameaça manifestar-se novamente, aproveitando a dolorosa experiencia dos soldados de S. Catarina.

Lima, Abril de 1931.

R. M. de La Torre

(Continua na página 2)



O Partido Comunista perante as eleições

Resolução do Secretariado Político

O governo fascista da ditadura militar anuncia publicamente eleições. Afirma que prepara as malas e deseja entregar a direcção da coisa pública a um governo que «represente a vontade da nação» sem que se regresses ao «passado». Que significa o apelo ao campo eleitoral em tais circunstâncias? Como se compreende esta posição da ditadura após a sua «brilhante» vitória sobre a insurreição da Madeira e o esmagamento total, completo de todas as insurreições liberais dos últimos anos?

Que devam fazer os operários e camponeses em face deste apelo e qual deve ser a posição do seu Partido de classe, do Partido Comunista?

A presente resolução procura responder a estas perguntas dentro da linha política do partido e à luz da análise marxista-léninista que constitui a base da sua filosofia revolucionária.

Porquê o apelo ao corpo eleitoral, após o esmagamento das últimas insurreições, ou tentativas de insurreições

O movimento de 28 de Maio de 1926 representou economicamente a reacção da grande propriedade agrícola, contra a propriedade industrial; a luta da burguesia agrícola, feudal da província, contra a burguesia industrial, liberal, democrática das cidades. Em 1910, os grandes comerciantes e industriais, apoiados na pequena burguesia, das cidades, nos intelectuais e nas grandes massas operárias e camponesas, sem espírito de classe: defendo, concreto, apoderaram-se do poder.

Por vezes a burguesia agrícola reagiu (ditadura Pimenta de Castro, movimento de dezembro, traillândia no Porto, insurreição de Monsanto, etc.) mas faltava-lhe a unidade que mantinha pelo contrário a burguesia industrial, as massas operárias e camponesas haviam-se afastado, mas, caídas no domínio do anarco-sindicalismo, na abstracção, na neutralidade, no «económico», pouco representavam como força política e eram levadas, naturalmente, pela sua abstenção anarquista a favorecer a democracia burguesa.

Pouco a pouco, porém, aquela unidade foi-se quebrando. A guerra, a crise mundial do sistema capitalista, agravando as contradições internas da economia burguesa, entrada do sistema capitalista na sua derradeira etapa — o imperialismo — e as necessidades económicas dela resultantes levaram a grande burguesia industrial a concentrar cada vez mais nas suas mãos a hegemonia do poder. Pouco a pouco a pequena burguesia foi sendo eliminada como elemento do poder. Este período reflete-se no instrumento do poder político da burguesia das cidades — o Partido Democrático — onde se abre scisão surgindo a «Esquerda Democrática».

Naturalmente não era aí este facto que levava a grande burguesia industrial a capitalizar perante a reacção da burguesia agrícola, feudal. Outro factor bastante grave se vinha juntar que a havia de decidir a isso. A Revolução Russa acordou o proletariado de todo o mundo, despertou-lhe uma consciência definida de classe, abrindo-lhes as perspectivas de posse do poder, pela ditadura do proletariado. Eis o perigo que fez decidir a burguesia industrial à submissão perante a burguesia agrícola. Tais são as circunstâncias que permitiram o pronunciamento militar de 28 de Maio.

O proletariado, orientado pela *Batalha* órgão anarco-sindicalista sob a influência directa de neutralidade confusionista e pequeno-burguesa desta tendência, que era a única força capaz, se possuísse uma linha nítida de classe, de se opor à instalação da ditadura militar, foi impotente para o fazer. Mais, os anarco-sindicalistas foram os mais incansáveis oboeiros da ditadura militar, como já o tinham sido da ditadura de dezembro.

Os ferroviários do Sul e Sueste, por exemplo, foram levados

a pôr o material ferroviário às ordens dos futuros ditadores. Os da C. P. que o não fizeram foram alcunhados de traidores. A *Batalha* no dia seguinte ao deslazar da sublevação em Braga, confirmava esta linha convidando o proletariado a cruzar os braços, chamando-o à neutralidade, à abstenção perante os gravíssimos acontecimentos que se desenrolavam.

O nosso Partido existia simplesmente.

Agindo a rebouque dos renegados do Arsenal do Exército e do célebre comité dos Partidários da I. S. V. sem cristalização política suficiente para reagir contra uma tão caricata situação, nada fez ou nada soube fazer.

Assim se instaurou comodamente a ditadura militar.

Estes regimens, porém, custam caros. A indústria, o comércio, a finança sangram largamente com eles. Pouco tempo bastou para que a burguesia das cidades olhasse com asco o seu sedutor. Lançou-se nos braços da oposição. Conspirou, preparou revoluções. Teria vencido se soubesse ser revolucionária, se quisesse aceitar todas as consequências da revolução se procurasse apoiar-se nas grandes massas da população, no proletariado e nos camponeses. Exitou, não o fez, foi esmagada.

E porque exitou? Porque não o fez?

Porque a época da burguesia das cidades, revolucionária, já passou.

Vivemos a época do proletariado revolucionário. E a burguesia das cidades estacou a meio do caminho, na esquerda, como já tinha estacado a meio do caminho da direita. Dum lado o abismo, a destruição, a ditadura do proletariado, do outro lado a submissão aos interesses feudais dos grandes proprietários territoriais, a ditadura agrícola. Tal é a situação presente da burguesia democrática, da burguesia das cidades. Tais foram os motivos que a levaram, a sustentar, a atraí-los a insurreição.

Ninguém de bom senso duvida hoje que os burgueses democráticos tinham todos os elementos para vencer. Apóio da população, fragmentação do exército, fraqueza no poder, etc. O Porto, no 1.º de Maio, esteve inteiramente nas mãos dos revolucionários que revistavam quem entrava e saía da cidade, a classe operária marchava na vanguarda.

Lisboa estalava por todos os lados.

De tarde, na tarde do 1.º de Maio, o proletariado, sob a direcção do nosso Partido, desarmado, batia-se com a força pública e repelia a nos primeiros recantos, à bomba, à pistola, à pedrada.

Na noite de 1 para 2 de Maio estiveram na parada de algumas unidades, companhias formadas para sair para a rua em rebeldia. A última hora, com surpresa da maioria dos revolucionários, a revolução foi adiada pelos órgãos superiores.

Como se tinha passado? Como se compreendia que com todos os elementos para vencer, se adiasse a revolução?

E que a burguesia se tinha apercebido de que o que se ia desencadear podia ser uma autentica *Revolução*. O proletariado as grandes massas exploradas estavam nitidamente a vanguarda dos acontecimentos. Ora isso não convinha. A burguesia desejava um simples golpe de Estado. Queria arrancar o poder aos grandes proprietários territoriais, mas guardá-lo integralmente para si. Daí a contra-ordem.

O resto compreende-se naturalmente. A burguesia das cidades perante o perigo da revolução proletária, submeteu-se à burguesia dos campos. Aceita o papel secundário que lhe é destinado. Põe de parte as suas veleidades revolucionárias. Mais, prepara-se para selar com a «legalidade» das urnas essa submissão.

Os homens da ditadura militar preparam-se para fazer concessões à burguesia liberal, tanto mais, quanto isso era de imperiosa necessidade. Os últimos acontecimentos também lhe fizeram ver os perigos da manutenção integral do anterior estado



de coisas. Eis porque a ditadura militar não só conseguiu esmagar a insurreição na Madeira como impediu a insurreição no continente, contra toda a expectativa, prepara agora activamente as eleições.

Naturalmente, se era ao proletariado que pertencia e pertence o papel de classe revolucionária da vanguarda, ocorre perguntar: Porque não tentou ele levar a insurreição para a frente? Porque não os chefes burgueses da revolução? Em primeiro lugar porque, mercê da repressão feroz de que é vítima e da guerra tremenda que lhe é feita pelo anarco-sindicalismo, social-democracia, aliados a todas as forças burguesas, o nosso Partido não influe ainda decisivamente no movimento operário e pelo mesmo motivo a sua organização é deficiente. Em segundo lugar porque era ele o único capaz de levar a insurreição até às últimas consequências, por parte da classe operária, porque foi ele o único que procurou guiar a acção das massas, do proletariado no sentido da luta independente da classe explorada, quando se iniciaram os conlujos conspiratórios; porque em consequência disso era a única força independente para o fazer.

A social-democracia estava ao serviço da ditadura para fascisar o movimento operário. O anarco-sindicalismo, ao serviço dos políticos burgueses, subordinando a acção do movimento operário aos interesses inconfessíveis da camarilha burguesa. Os manifestos distribuídos pelas organizações anarco-sindicalistas estão profundamente impregnados desta mentalidade. Nestas condições fácil foi à burguesia liberal manobrar pela submissão, contra a insurreição.

11

Que significa o apelo ao corpo eleitoral em três circunscrições?

Ele significa em primeiro lugar que a ditadura burguesa, sob a forma militar, se encontra esgotada.

Ela tem já contra si parte dos que ingenuamente, como meninas ditas, ajudaram a sua instauração. Vamos no V ano de ditadura militar e nenhum dos problemas que ela era chamada a resolver se aproxima de solução. Pelo contrário, agravaram-se ao máximo. Para manter um exército de oficiais bem tratados e dispostos a obrar com decisão, como bons cães de guarda do capitalismo: uma polícia política suficiente para a obra de repressão, recrutada entre o que ha de pior nas camadas mais fundas da população, entre os ladrões, rufãs, souteneurs, jogadores, desordeiros e bandidos, e ao mesmo tempo dar a sensação de um equilíbrio saudável do orçamento, aumentaram-se os impostos ao infinito. Para beneficiar na distribuição desses impostos os grandes proprietários territoriais, que são o sustentáculo da ditadura, agravaram-se as indústrias e sobretudo a pequena indústria e o pequeno comércio.

A ditadura militar que tinha como principal objectivo a «ordem», agrava a «desordem»; que devia liquidar os «políticos» e a «velha política» veio dar-lhe um prestígio que se encontrava bastante abalado. Ela que devia, ou por outra, que tinha a função de atenuar as contradições internas do sistema capitalista, pela força, não fez senão agravá-las. Em conclusão: a 3 anos de ditadura, a «desordem» é cada vez maior. Desordem nos espíritos e desordem na rua. A divisão de classes, cada vez mais acentuada e a crise económica cada vez mais grave. A luta de classes torna-se cada vez mais violenta, os proletários e camponeses radicalizam-se sobre a pressão de uma vida cada vez mais difícil e passam ostensivamente à ofensiva.

É claro que aos homens da ditadura militar, pouco os preocupa que a população esteja ou não com firme fé. Se o exército constituísse um bloco sólido, possuísse um êlástico espírito de casta, bem se importavam, os aventureiros que se assenhorearam do poder, o que podia pensar a população; mas é que o exército reflecte, como espelho, a constituição da população com todas as suas partes e classes. E a população militar, a massa, os soldados constituída pelos proletários e camponeses, hoje ainda formalmente obediente, mas onde lampejam os fulgores de uma revolta próxima; a classe média, a pequena burguesia, a burocracia, representada pelos sargentos; e os oficiais onde está representada

a indústria e comércio, por um lado e a propriedade territorial, por outro. A luta reflecte-se, portanto, no exército.

Tudo isto são elementos suficientes para demonstrar o esgotamento da ditadura da burguesia sob a forma «militar».

Em segundo lugar, significa que se operou uma união sagrada entre a burguesia agrária, feudal e a burguesia industrial democrática com o apelo e participação activa da social-democracia, que inicia francamente a sua fase social-fascista e com o apelo passivo do anarco-sindicalismo, cuja mentalidade individualista não podia deixar de conduzir a tal e cujo conteúdo contra-revolucionário se revela cada dia de uma maneira mais flagrante.

As próximas eleições não podem deixar de produzir um aparelho «constitucional» onde terá papel predominante a burguesia agrária, feudal, a burguesia de «mão dura», papel auxiliar à burguesia industrial e, uma sebolarite, a aristocracia operária, funcionários e a pequena burguesia.

Tudo isto cuidadosamente preparado para que as eleições não vão além dos resultados previstos pela burguesia reaccionária. As restrições aos eleitores, que vão ao ponto de impedir totalmente a participação dos trabalhadores no terceiro degrau eleitoral e de reduzir a quasi nada no segundo grau, a ilegalidade do nosso Partido, a perseguição aos seus militantes, etc.

Em terceiro lugar significa que a frente única sagrada da burguesia com o auxílio das tendências contra-revolucionárias do movimento operário, vai conduzir contra os proletários e camponeses pobres e contra o seu único Partido de classe — o Partido Comunista; que uma tremenda ofensiva se vai desencadear contra os trabalhadores do campo e da cidade a quem se procura arrancar o necessário para cobrir os esbanjamentos da ditadura militar e à custa de quem se vai procurar refazer a economia do país e o comércio e a indústria abalados pelo regime caríssimo que atravessamos estes cinco anos, em suma;

o agravamento da crise de trabalho;

a redução de salários;

o aumento do índice de produção individual e de jornada de trabalho. Consequências: descida do nível de vida dos trabalhadores, miséria e fome nos lares operários, agravamento da luta de classes.

Numa tão larga frente única e uma tão intensa ofensiva contra as condições de trabalho dos operários e camponeses, não se pode operar sem uma repressão cruel, implacável, contra o seu Partido de classe — o Partido Comunista. Por isso ela é presentemente mais intensa do que nunca. Por isso os operários apanhados com publicações do Partido são espancados nos antros da Polícia de Informações, até à morte ou até à loucura para dizerem onde se encontram os dirigentes do Partido. Por isso se prepararam os atentados terroristas últimos, no sentido de criar ambiente favorável a esta repressão e se pretendem dar como terroristas os nossos melhores militantes, que como bons bolchevistas, combatem incansavelmente o terrorismo.

Que devem fazer os operários e camponeses; Qual deve ser a posição do seu Partido de classe, do Partido Comunista?

Assim, nós vemos: A burguesia agrária, feudal, disposta a ceder uma parte, embora pequena, do seu poder, para «legalizar» o seu domínio.

A grande burguesia industrial e grande parte da pequena burguesia, o que quer dizer, o estado maior dos partidos republicanos, disposta a transigir em tudo enquanto seja afastado o perigo bolchevista.

O Partido Socialista em nome da burocracia e de uma pequena aristocracia operária, profundamente reaccionária, que se tinha posto ao serviço da ditadura militar, para fascisar o movimento operário, tomando a vanguarda da manobra e participando na conciliação das desavenças entre os seus patrões — os burgueses da direita e da esquerda — contra a massa explorada do campo e das cidades.

A C. G. T., anarco-sindicalista, apoiada no proletariado atraído, no artesanato, nas camadas menos proletárias dos trabalha-



dores assegurando a «neutralidade» dos trabalhadores em benefício da farça que se prepara.

Qual deverá ser, nesta emergência, a posição do Partido Comunista, a posição do proletariado revolucionário em face da comédia eleitoral que se prepara? A abstenção? O boicote? A participação?

A abstenção não tem nada que ver conosco. Não somos anarquistas. Somos revolucionários. A abstenção é a renúncia; é a entrega do proletariado à influência política da burguesia. Propagar a abstenção é servir os interesses da burguesia da direita e da esquerda. E' depór as armas perante o adversário.

Devemos escolher entre o boicote e a participação.

Qualquer das duas táticas é revolucionária, se resulta de uma análise justa da situação, da correlação de forças, do estado de espírito dessas mesmas forças; se ajusta rigorosamente à prática e é guiada por uma teoria revolucionária; se se desenvolve no sentido da insurreição e da posse violenta do poder pelas massas exploradas e instauração da sua ditadura revolucionária de classe.

O boicote, para nós, representa porém, um boicote «activo».

Estaremos em condições de o realizar com êxito, de modo a torna-lo útil à causa da insurreição?

E' preciso confessar francamente, que não.

O nosso Partido é fraco ainda. Fraco no número e fraco na ideologia. O nosso proletariado e os camponeses trabalhadores, só há muito pouco tempo, mercê da crise do capitalismo, ao agudizar da luta de classes e da linha política, justa, do nosso Partido, vai adquirindo consciência de classe e do seu importante papel político como classe revolucionária da vanguarda. Foi saturado, durante largos anos, pela propaganda confusionista, individualista, pequeno burguesa, do anarquismo. Só à custa de sangrentas lições, dolorosas experiências, se vai libertando da embriaguez doentia dessas teorias.

Não tem ainda suficiente educação de classe para interpretar justamente a palavra de ordem de boicote sacando dela todo o significado e consequências revolucionárias que êle encerra.

Nestas condições a palavra de ordem de boicote não podia dar senão uma lamentável confusão com a da abstenção do anarco-sindicalismo e portanto conduzir ao auxílio mais ou menos encapotado da manobra reaccionária da burguesia liberal e dos social-democratas no sentido de dar uma feição «legal» à ditadura militar.

Isto nos abre uma única via; a da participação.

Vamos participar das eleições. Elas são uma farça miserável; mas que eleições burguesas, democráticas, deixaram alguma vez de o ser?

O papel do Partido revolucionário do proletariado nas eleições burguesas, não consiste em conduzir o proletariado à via da «transformação legal» da sociedade capitalista. Não pretendemos, como os republicanos e social-fascistas «legalizar» o domínio da burguesia agrária, feudal, mas, pelo contrário «ilegalizá-lo». Apresenta claramente e praticamente, ao proletariado, a «fusão» contra-revolucionária dos homens da ditadura militar com os chefes republicanos e social-fascistas; conduzi-lo nas próprias eleições a uma acção independente de classe, arrancar-lhe as derradeiras ilusões na democracia, pela prática, faz-lo «ver e crer como S. Tomé», demonstrar-lhe praticamente pela experiência que o «único caminho» para a sua libertação está na insurreição apoiada nos camponeses pobres, nos soldados e marinheiros e na solidariedade internacional dos trabalhadores. O facto das presentes eleições serem uma farça miserável, mais accentuada, não vem senão facilitar esta tarefa.

Naturalmente esta tática vai desencadear contra nós as iras:

a) Dos homens da ditadura militar, que procurarão ilegalizar a nossa participação, como ilegalizaram o Partido; intensificar a repressão sobre os nossos melhores elementos. Estamos habituados à repressão. Os partidos Comunistas forjam-se na luta prática dia a dia, os seus nervos de aço são temperados ao calor das grandes repressões. Isso favorecerá a nossa tática. Contribuirá para arrancar as ilusões democráticas à classe operária, apressará a sua radicalização; desenvolver-lhe-ha o espírito de classe.

b) Dos democratas, republicanos e socialistas que nos acusam de fazer «a divisão das forças democráticas» repetirão os palpávres da «liberdade em perigo» da «união de todos os partidários da liberdade», contra a «tirania» etc, etc. Nós já sabemos por experiência própria em que consiste essa «democracia», essa «liberdade» de 1910 a 1926. Não nos esqueçamos do «vazio fantasma» do assalto à Casa Sindical, das deportações sem culpa formada, dos fusilamentos dos Olivais e tantas outras manifestações dessa «democracia», dessa «liberdade».

Pretendemos «dividir» sim, mas dividir a classe operária da classe burguesa.

Vamos contra a democracia burguesa, é verdade. Mas nós pretendemos precisamente esmagar a democracia burguesa em benefício da verdadeira democracia, da democracia proletária e camponesa.

O que nos preocupa não é a unidade dos «partidários da liberdade contra a tirania» mas a unidade dos «explorados» contra os «exploradores» dos proletários contra os burgueses.

Muitos operários, não atingidos pela nossa propaganda e cheios ainda de confusãoismo, se deixariam arrastar por esses bonitos cantos de serenidade e correrão a salvação a democracia burguesa em prejuízo da sua classe. Não compreenderão rapidamente que o seu papel lhes indicava que deviam estar como Lutares contra isso e procurarem impedir o mais possível. A nossa missão consiste precisamente em desenvolver a mentalidade de classe do proletariado, em lutar contra a degenerescência pequeno burguesa, corporativista do movimento operário.

Eles verificarão mais tarde que foram novamente enganados pelos «charlatães» da democracia burguesa, verificarão a justiça da nossa linha política de classe e virão decididamente para o nosso lado.

c) Dos anarco-sindicalistas que gritarão «coletivamente» abaixo os políticos! Viva a emancipação dos trabalhadores! mas irão «individualmente» os anarquistas quando as suas teorias estão em conflito com a acção dizem que agem «individualmente» e não «coletivamente» depositar o seu boletim de voto em favor da frente única da burguesia e contra a frente única do proletariado.

Todas estas iras só demonstram, por consequência, a justiça da nossa análise, são a prova real da verdade do que afirmamos, que só o Partido se encontra ao lado do proletariado revolucionário, em frente de todos estes miseráveis serventários do capitalismo.

O caminho está, portanto, traçado. Todo o Partido, todos os sindicatos vermelhos, todas as minorias revolucionárias, todas as organizações simpatizantes, todos os trabalhadores revolucionários conscientes, devem lançar-se à campanha pelo reconhecimento das massas exploradas, acompanhando-a intimamente da crítica mais implacável à traição da burguesia, da social-democracia e do anarco-sindicalismo, seus fiéis aliados, à causa da «surreição» e da demonstração da justiça da linha revolucionária de classe, do Partido, recusando-se a colaborar nas forças conspiratórias desses miseráveis, linha inteiramente confirmada pelos acontecimentos últimos, pela traição à insurreição.

Em todas as cidades e centros rurais onde possuirmos organização todos os nossos camaradas se devem imediatamente lançar à organização do **bloco operário e camponês**. Devemos promover grandes reuniões para êsse efeito de representantes dos trabalhadores das fábricas, das oficinas, dos campos e dos sindicatos. Procurar que êsses representantes sejam também eleitos em amplas reuniões, nos próprios locais de trabalho ou imediações. Escolher os candidatos a propor entre os operários mais activos, mais dedicados, mais conscientes e com melhor instinto de classe.

Aproveitar todo êste amplo trabalho de massas para denunciar toda a mentira da democracia burguesa, para organizar o proletariado para as lutas directas com o patronato, única via para a sua libertação.

As reclamações mais urgentes contidas nas reivindicações da Comissão Inter-Sindical devem constituir a fulcro principal destas reuniões. Elas devem gerar o **bloco operário e camponês** e os seus candidatos, mas é preciso que elas gerem também e sobretudo manifestações contra a crise de trabalho, contra os despedi-



mento em massa, pela redução da jornada de trabalho, pela instituição do seguro contra o desemprego, etc. É preciso que cada operário e camponês saia dessas reuniões convencido da necessidade de se esforçar porque os seus candidatos da classe sejam eleitos, mas convencido sobretudo que vale mais uma acção intensa de rua de um dia para os seus interesses de classe do que a acção de um deputado durante uma semana no parlamento. É preciso que todos os nossos camaradas tenham bem presente que uma participação eleitoral representa, não a cultura nas ilusões da democracia, mas a luta contra essas ilusões.

Os Comités Regionais de Lisboa, Porto, Alentejo e Algarve devem desde já tomar directrizes concretas para todas as suas organizações baseadas no espírito geral da presente resolução a fim de aproveitar de cada camarada, de cada organismo tudo quanto possa dar, nesta campanha. Ela deve ser aproveitada para quebrar o marco da ilegalidade em que nos pretendem colocar. Por isso deve arrastar as grandes massas, as camadas mais fundas dos proletários e camponeses. Se nos não permitirem ou não podermos conquistar essa legalidade elaborar-se-ão listas de candidatos entre os operários presos, perseguidos ou deportados.

— Nem um voto para a coligação burguesa! — deve ser a nossa palavra de ordem.

A actual lei eleitoral dá às Associações de Classe e «Corporações Administrativas de Assistência» a faculdade de elegir parte das Câmaras Municipais. Alguns camaradas confundem o reconhecimento e participação dos operários e camponeses, nas eleições, com a participação das corporações.

É um erro confundir as duas coisas.

Em primeiro lugar a participação das corporações dos Sindicatos, nas eleições é fascismo puro.

Em segundo lugar essa participação não valerá nada para os operários, cujas associações, perante as associações patronais e as tais «corporações administrativas de assistência» designação que abrange uma quantidade enorme de instituições profundamente burguesas, serão totalmente esmagadas.

Em terceiro lugar, o que é mais importante ainda, o que nos interessa na campanha eleitoral, não são propriamente as eleições em si; é sobretudo a agitação e campanha de esclarecimento que por meio da sua preparação poderemos fazer às largas massas que por ela serão atingidas, e a questão da participação dos sindicatos, nada disso nos proporciona. Por isso, se devemos participar dos eleições e levar os operários e camponeses a participar delas em massa, devemos combater a participação das corporações.

CARTA ABERTA

Ao Ex.^{mo} Sr. Ministro da Guerra

Ex.^{mo} Sr.

Os jornais diários trazem-nos a notícia lamentável de que um dos seus senhores oficiais, no Porto, teve a dádica lembrança de ler alguns trechos do nosso humilde jornal aos soldados formados em parada.

Decididamente um gesto de tal ordem é verdadeiramente lamentável para todo o nosso movimento revolucionário.

— Pois quê, dirão os soldados; então esses malditos comunistas atrevem-se a publicar um jornal e afirmar nêle que nós somos seus irmãos; que os nossos inimigos são os oficiais, os nossos generais oficiais, e os nossos patrões, os senhores das terras que cultivamos e das fabricas onde produzimos, que nos permitem com os magnânimos salarios que nos pagam alimentarmo-nos e às nossas familias?

Lagarto, lagarto, lagarto; salvos sejmos de cair em tal pe-

cado; Exterminá-los-hemos, aos comunistas sem piedade!

Está V. Ex.^a a ver as consequências do gesto deste senhor oficial; a indignação de que todos os soldados devem ter ficado possuídos contra nós e o perigo «Kolossal» que esta tática representa para o avanço das nossas ideias é até para a nossa integridade física, pois cada soldado deve ter saído dali com uma vontade firme de passar a comer... bolxevistas todos os dias, ao almoço.

V. Ex.^a é generoso e humanitário. Bem sabemos que não concorda muito connosco, mas enfim, certamente deve repugnar ao seu espirito cavalheiresco e humanista ver-nos trocados implacavelmente pela indignação dos seus soldados.

A coisa é séria, Ex.^{mo} Sr.; calcule que mais senhores oficiais se lembram de imitar a machiavellica tática dêste e que, em todas as unidades, depois da ordem se procede à leitura do nosso *Ávante!* Que nos irá suceder? Como faremos frente à indignação da soldadesca?

Não. Isto não pôde suceder. V.^a Ex.^a não é só humanista; é também misericordioso; vai pois certamente valer-nos neste «apêto» evitando que os senhores oficiais achem tão «Kolossal» perigo contra nós.

Por isso lhe endereçamos esta carta, confiados em que seremos atendidos e que os seus oficiais serão chamados à ordem, sendo impedidos de proceder a leituras, na caserna, que não pôdem senão provocar... uma «indignação» tremenda, contra nós, por parte dos soldados que os ouvem.

Saude e Fraternidade.

UM BOLXEVISTA ASSUSTADO

Um intrusão

Uma prevenção aos trabalhadores

Andam para aí uns cavalheiros, entre eles um tal Dr. Madureira, vigarizando as associações e agrupamentos operários, fazendo constar que existe em formações um bloco composto de republicanos, socialistas, sindicalistas e comunistas. Informamos que este patife se serve abusivamente do nosso nome, a fim de conseguir facilidades aos projectos eleicoeiros dos politicos-burgueses. Declaramos perentoriamente que nada queremos com esses «gajos». O Partido Comunista actuará sosinho, sem colaboracionismos emporcalhantes e informa a massa trabalhadora dêste designio, aconselhando-a a prestar atenção às instruções que neste sentido damos noutro local.

Quanto ao facto dos anarco-sindicalistas se coligarem (apesar do seu horror às urnas e do seu apregoado abstencionismo doutras épocas) não aos admiramos. Já não é a primeira vez que temos ocasião de observar que trabalham de mãos dadas com a burguesia, em intentonas revolucionarias.

Todo o comunista deve não só resencear-se mas procurar que o maior número de trabalhadores o faça.



Miseráveis!

Os jornais diários dão-nos em meia dúzia de linhas a seguinte notícia:

«Foi transferido do Toril para a esquadra do Rêgo o motorista Francisco da Silva Gouveia, suposto autor da morte de Armando Gomes da Silva, caixeiro da drogaria da rua 20 de Abril, caso que temos noticiado. *No governo civil está-se procedendo a novas investigações sobre o caso tendo sido presos três pessoas que depuseram no Toril, contra o Gouveia.*»

Fareja-se a infâmia de entre estas escassas linhas.

A Polícia de Investigação Criminal, cumpriu excepcionalmente o seu dever. Subtraiu-se às pressões políticas que sobre ela fizeram e perante as desassombradas declarações dos testemunhas presenciais, não exitou em desfazer, como bola de sabão, a novela inventada pela Polícia de Informações, de que o infeliz caixeiro fôra assassinado por bombistas, por révanche por não lhes ter vendido colorado. A coisa ficou clara.

O crime foi cometido precisamente por um miserável agente, por um bandido dessa asquerosa e nojenta polícia, porque pelo estabelecimento tinham conseguido fugir vários manifestantes que momentos antes haviam feito frente à polícia e guarda republicana, à pedrada, na rua da Palma. Ninguém tinha dúvidas a esse respeito e o criminoso, excepcionalmente, ia ser enviado a tribunal.

Mas a malandragem, sem fé nem lei, os vadios, os escrocs, os desordeiros, os souteiros, os viciosos da Polícia de Informações, conservam a solidariedade do crime, do banditismo, único sentimento dos bandidos.

Era preciso salvar o «colega».

A estes miseráveis nada os contém. Perderam o pudor por completo, se é que alguma vez o tiveram.

O paiz, o Povo, a opinião pública, de que vale tudo isso?

Eles dão essa história aos desgraçados que lhe caíam nas mãos...

A coisa é, portanto, extremamente simples.

A entrega pura e simples do caso à Polícia de Informações dava muito nas vistas. Nem é preciso. O capitão Passo, ao mesmo tempo que é director desta quadrilha, é também oficial superior da Polícia de Segurança Pública. Bastava, portanto, que se encarregasse a P. S. P. do caso para que, praticamente, a coisa caísse nas mãos da P. I.

E agora?

Agora mais simples ainda é. À disposição da quadrilha da P. I. estão numerosos desgraçados acusados e, à força de torturas, confessos bombistas.

Que dificuldade haverá em levar um destes desgraçados a confessar-se autor do crime?

Apenas uns espancamentos mais...

E as testemunhas?

Pois que, não são as testemunhas de carne e osso, também? Elas confessarão também o que fôr necessário... Para que servem o cavalo marinho, as algemas eléctricas, o suplício da água, etc., etc.?

Não tardará muito, portanto, que a Polícia de Informações, não faça descobertas sensacionais.

O Gouveia será indennizado e, possivelmente, condecorado. O criminoso descobrir-se-ha entre os bombistas presos e as testemunhas, cairão em contradições e serão processadas, por falsas declarações...

Miseráveis!

A ditadura do proletariado, como já por várias vezes disse, não é somente a coação exercida sobre os exploradores, nem tampouco é esta coação o mais importante.

A base económica da violência revolucionária, a garantia da sua vitalidade e do seu éxito, é que o proletariado pretende e obtém, uma organização social do trabalho, superior à do capitalismo.

Isto é o essencial. Esta é a fonte da força, a garantia da vitória segura e completa do comunismo.

LÉNINE

Página Internacional

(Conclusão da página 3)

Na Polónia

O Papa, general burguês

Uma delegação polaca recebida pelo Papa ouviu-lhe a seguinte declaração: «as vossas angústias são as minhas angústias, vossas fronteiras estão constantemente expostas aos ataques bolchevistas e anti-cristãos. Repeli esses ataques corajosamente e cumpri até ao fim com os vossos deveres de apóstolos.»

Como se vê o «santo» não perde a oportunidade de apregoar a guerra contra os Soviéticos, dizendo depois que se não imiscui na política.

Na Alemanha

O proletariado a caminho da revolução

A política repressiva, a política de fome de Curtius, o ditador alemão, reflectiu-se há dias em Essen, onde a população trabalhadora, saía à rua, e levantando barricadas, opôs à polícia que a quiz impedir de manifestar-se, uma séria resistência.

Como resultado desses acontecimentos há numerosos presos e bastantes feridos, principalmente polícias.

Em França

Nas trincheiras proletárias de França

Durante a manifestação de 30 de Maio, em que se agruparam seguramente 40.000 manifestantes, a polícia procurou agredir os principais manifestantes comunistas, entre eles André Marty, secretário geral das Juventudes Comunistas. O facto, que levantou protestos e indignação, vai dar margem a uma interpegação no Parlamento.

Na Indochina

Depois da China a Indochina — Vivam os Soviéticos

Mantém-se denodadamente, o domínio absoluto do proletariado revolucionário nas regiões de Vinh e na Cochinchina, onde os esforços das tropas imperialistas para derrubar os Soviéticos têm sido infrutíferos. A população apóia e defende esse sistema de organização do Estado, farta de assistir às perseguições imperialistas.

Só em 1930 foram executados 86 trabalhadores, e impostos 1.000 anos de prisão e desterro.

Na Itália

Contra o fascismo, O comunismo — contra a burguesia, o proletariado

A horrorosa repressão fascista não intimida os valerosos trabalhadores italianos que contra ela não exitam em bater-se. Apesar da especial repressão, feita de propósito para diminuir a imponentia dos protestos no 1.º de Maio, nesse dia os trabalhadores manifestaram-se e houve verdadeiras batalhas nas ruas entre eles e a polícia, distribuindo-se numerosos manifestos e jornais clandestinos do Partido Comunista.

Ler e propagar o «Ávante!» é um dever de todo o comunista.